SOMBRAS DO INFINITO

O ARTEFATO MORTAL

Billy M. Hidalgo

Para meus pais, Célia e Rosivaldo, por quem fui ensinado a andar até que pudesse fazer isso sozinho e enfrentasse o excesso de acontecimentos e sentimentos que a vida nos confere. Eu também amo vocês.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

I. Seattle
II. Morada de gnomos
III. O estranho mundo além da clareira
IV. Feiticeiro Halley
V. Aberforth
VI. Ensinamentos
VII. O caçador de mentes
VIII. Saramago
IX. Os sete sopros precisos
X. Abdullah
XI. Ataque
XII. Sangue e repulsa
XIII. Trabalhando a mente
XIV. A trama de Mefiz-Tofel
XV. Viagem repentina a Stratford-de-não-sei-o-quê
XVI. A floresta de Silvermoon
XVII. Desvendando o enigma
XVIII. As Terras Amaldiçoadas

EPÍLOGO: A verdade de Ernest

"Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia".

William Shakespeare

Hamlet, Ato I, Cena V

PRÓLOGO

ESTE NÃO É UM LIVRO COM UMA HISTÓRIA qualquer. Não espere encontrar aqui coisas como "era uma vez", porque certamente não irá. Este aqui é como um diário, onde relato o que vivi quando viajei até Seattle para passar uma temporada com minha mãe, Emma Fields, que estava hospedada na casa de Sadie, uma tia materna que eu não via desde os cinco anos.

Sim, poderia ter sido uma viagem normal onde eu agiria como uma pessoa normal em um lugar normal. Mas não foi... Minha vida deu uma guinada me jogando direto a um espaço além-mundo que eu desconhecia. Aliás, todos desse mundo humano em que estão habituados a viver desconhecem. E não fui sozinho. Meus primos me acompanharam, e se não tivesse aceitado o convite de conhecer os arredores da casa de Sadie, jamais estaria aqui escrevendo furiosamente nas páginas deste livro.

Nada aqui é inventado. Tentei ao máximo resgatar as minhas falas e as falas dos outros envolvidos em tal desventura, ou aventura, seja lá como devo chamar isso. Ah, quase ia me esquecendo! Meu nome é Damon Joe Fields McCoy, mas pode simplesmente me chamar de Damon Fields. Prazer em conhecer você que está lendo este livro, e espero realmente que não pense que sou mais um maluco, desses que inventam histórias por aí.

1. SEATTLE

MEU PAI ME LEVOU AO AEROPORTO NO CARRO cinza dele. O dia em Phoenix até que estava favorável, pelo menos para mim que não gostava do calor que fazia em minha cidade natal. Bem, Phoenix não tem nada de errado, talvez fosse eu é quem tivesse algo de errado.

O céu estava numa mistura de nublado a azul. Eu estava ouvindo uma música de uma banda que eu conhecera alguns dias antes. As batidas me faziam pensar em um lugar distante, aonde eu poderia fugir dos meus compromissos sem ter que dar explicação a ninguém. Aonde eu poderia ver algo misterioso de se testemunhar. Era uma coisa minha...

Tenho dezesseis anos, e posso dizer que esses anos não valeram a pena. Não para mim. Separação de pais é um trauma. E mesmo que você diga para si e para os outros que não se importa, no fundo você se importa. Minha aparência? Bom, não sou franzino nem rechonchudo, sou meio-termo. O meio-termo que se acha desproporcional. Cabelos castanhos, olhos castanhos e um cabelo desgrenhado. Usar óculos seria cavar a própria cova para minha exterioridade. Ainda bem que não os uso. Seria mais um motivo para o terrível Carlos La Rue – o popular do colégio em que estudei em Phoenix – me caçoar.

Bem, eu estava indo viajar a Seattle, que fica localizado no estado de Washington nos Estados Unidos. Minha mãe e meus tios maternos estavam todos para lá. Essa era a segunda vez que viajava para lá, a primeira vez foi quando eu tinha apenas cinco anos de idade e nem podia me lembrar direito, só o que restaram foram alguns flashes de lembranças que me visitavam algumas vezes. Nos doze anos que se passaram, eu só via a minha mãe porque era ela quem viajava até Phoenix para me visitar, dizia que um dia eu voltaria para Seattle, mas somente quando ela conseguisse um emprego que garantisse a minha permanência na cidade. Aí ela retornaria para lá e ficaria um tempo na casa da minha tia Sadie a quem eu pouco recordava. Depois ela acharia uma casa onde moraria com o namorado dela, o Dave. Eu não tinha nada contra ele, nem o culpava, de forma alguma. Na verdade, eu o tratava normalmente. Se era para o bem dos meus pais, eu respeitaria essa separação.

- Tchau pai, cuidado! Não faça nada de errado! – Eu costumava me impor sobre meu pai, mas talvez não mais do que ele.

- Tchau filho, estou aqui te esperando... – Ele tentava esconder as lágrimas que surgiam em seus olhos. Era muito durão para chorar.

Eu tinha uma relação de pai e filho muito estranha com meu pai. Sim, havia aqueles momentos em que nós nos confraternizávamos e parecíamos realmente pai e filho, mas alguns de

seus atos eram estorvos para nossa felicidade fraterna.

Meu pai era policial. Estava sempre ocupado com seu trabalho e quase não havia tempo para conversarmos mesmo que morássemos na mesma casa. A separação de meus pais ocorreu numa fase de minha vida que foi afetada terrivelmente me tornando uma pessoa triste e solitária. Um adolescente problemático que andava tropeçando nas coisas e servindo de chacota para os outros colegas.

Eu dormi no voo para Seattle, depois de tentar ler O Morro dos Ventos Uivantes, um livro presenteado por minha mãe em sua última visita. Foi uma tentativa fracassada, ultimamente eu não conseguia me concentrar em mais nada, sempre acabava absorto em meus pensamentos sobre como lidar com o que viria depois, a vida nova. E me desconcentrei mais ainda depois que um cara acima do peso se sentou ao meu lado. É eu sempre fui assim, sem sorte para tudo, então já tive bastante tempo para me acostumar com isso.

- Com licença, senhor, o senhor poderia afastar um pouco? – tentei um tom de voz gentil.

- Hum – resmungou ele, depois se afastou e voltou sua atenção para a revista de esportes que estava lendo.

O voo para Seattle demorou mais ou menos quatro horas. Eu acordei e estava inquieto com a sacudida que o avião fazia de vez em vez. Eu tinha

medo de viajar de avião e essa era a minha primeira vez que viajava tendo noção de que corria perigo. Eu nunca acreditei na afirmação de que esse era o meio de transporte mais seguro, era até ridículo afirmar isso. Eu estou bastante seguro de estar a mil pés acima do chão? Eu ainda assisti, um dia antes da viagem, a um filme que achei na casa de Marco McCoy, meu pai, em que um avião cheio de jogadores de rúgbi caía na cordilheira dos Andes. Depois os passageiros tinham de devorar os próprios amigos mortos para não morrerem de fome. O que não é recomendado assistir antes de uma viagem, é claro. Maldito filme!

O avião começou a descer fazendo um zumbido terrível, minha cabeça começou a trabalhar meus pensamentos confusos em uma dor de cabeça. Não demorou muito para o avião pousar e abrir a porta para os passageiros. Em meio à multidão de pessoas que desciam do avião, eu me desequilibrei e caí, o que não era mais novidade para mim. Eu tenho um problema horrível de coordenação motora e déficit de atenção os quais me deixavam mais próximo da morte, como no dia em que caí no meio de uma avenida e meu pai se apressou em vir me ajudar.

- Droga! – resmunguei.

- Você quer ajuda?

- Ãh? Ah, obrigado. – Eu segurei a mão do senhor de cabelos grisalhos que aparentava ter uns setenta anos. – Muito obrigado.

Minha mãe estava me esperando em pé. Eu acenei e sorri para ela. Por um instante ela nem percebeu, mas depois se virou para olhar direito e me avistou. Eu corri ao encontro dela, parecia até aqueles programas onde um parente reencontra a família depois de anos. Era quase assim, mas se tratava só de um ano, o que pra mim era muita coisa.

- Ai, meu filho, que saudade! Estava cansada de ter de falar com você só por telefone ou pela internet. Isso me deixava aflita!– Ela me envolveu num abraço apertado.

Minha mãe, Emma Fields, havia nascido em Lawrence, uma cidade localizada no estado do Kansas, mas aos nove anos se mudou para Seattle com os pais e com as irmãs Sadie e Jenna. Mamãe conhecera meu pai numa fase em que tentava ser independente. Tentava ingressar no campus da Universidade de Phoenix, no Arizona e, pelo que podemos chamar de acaso, conhecera meu pai.

- E eu já estava cansado de comer pizza toda noite com o papai. Sabia que pizza enjoa? Eu descobri isso morando sozinho com ele durante todo esse tempo.

Ela sorriu pra mim.

- Vamos, sua tia Sadie está lá na casa delaadaptando tudo para sua chegada. Estão todos muito ansiosos esperando você.

- É, e tomara que gostem de mim... – Estava preocupado com a opinião dos meus primos que estava prestes a conhecer. Pensava na hipótese de ocorrer o mesmo que acontecia em alguns filmes, eles me rejeitariam... Mas nem tudo se baseia em filme, então eu ainda tinha uma chance com eles.

- É claro que vão, meu querido! – ela tentou me relaxar – Eles são muito convidativos.

- Nossa como aqui é frio!

- Vai se acostumando... Na vez que seu pai veio comigo, ele quase congelou e... – ela havia ficado tão entusiasmada com a minha chegada que nem reparara que estava falando de suas lembranças com papai, as quais ela tentava evitar.

- Continua! – insisti.

- Não, eu perdi a linha da consciência.

- Não tem nada de mais falar do papai, a senhora é a pior mentirosa do mundo. Mesmo que não sejam mais casados, podem ser amigos...

- Dave veio nos levar até sua tia Sadie – ela me interrompeu apontando para o Audi cinza parado fora do aeroporto de Seattle.

Dave me levou para a casa de Sadie com as janelas traseiras do carro abertas numa velocidade que o vento bagunçava todo o meu cabelo. Eu fui observando o novo lugar onde eu iria morar, minha nova cidade. Parece que eu ia gostar

daquele lugar, tinha um ótimo cenário. Se não gostasse, eu ia dar um jeito de fazer eu mesmo gostar. Quem sabe descobriria um lugar novo ou algo assim. Um lugar distante da minha realidade, em que eu pudesse fugir das sombras da vida real. E do que eu estava perto de enfrentar nessa tão chamada vida. Seattle poderia ser meu refúgio.

- Dan, essa é sua tia Sadie!

- Oi, tia Sadie. Tudo bem?

- Oh, Dan! – Sadie veio depressa na minha direção – Você está realmente lindo como sua mãe sempre falou.

- Ah, obrigado. – eu respondi.

- A última vez que o vi você era um garotinho de cinco anos.

- Mamãe falava muito de você...

- Bem ou mal? – brincou Sadie.

- Bem é claro...

Eu não gosto de fazer as pessoas se sentirem mal, então abracei minha tia Sadie como se já a conhecesse verdadeiramente há tempos. Ela retribuiu com um abraço apertado. Sadie era uma mulher muito bonita, seus olhos eram verdes e seu cabelo era de um loiro escuro liso. Eu já havia a visto em fotografias que minha mãe mostrara

para mim quando ia me visitar. Mas ela estava muito diferente. Mamãe era quase como ela, rosto quase semelhante, a mesma boca, quase o mesmo tom da cor do cabelo e os olhos eram da mesma cor.

- E esses quem são? – Eu acenei para os seis jovens em pé na sala.

- Esses são seus primos Amon, Kennedy, Tia, Cassandra, Alice e Rony. – Ela apontou para cada um dos seis.

Tia veio em minha direção. Ela era linda e tinha os cabelos loiros e olhos verdes como o da mãe. Por um minuto eu pensei que estava diante de uma das celebridades dos EUA ou até mesmo de um anjo. Apesar de toda aquela beleza imposta a ela, parecia ser uma garota bem generosa.

- Oi, Dan. Tudo bem? – ela apertou minha mão.

- Sim, está tudo bem agora que cheguei aqui. Não aguentava mais o avião, o barulho e todo aquele desconforto. Prefiro está com os pés na terra.

- É, eu já passei por isso quando fomos até Montana visitar uma tia do papai. Amon até queria pular do avião!

- É mentira dela! – ele fez uma careta para ela e me cumprimentou também.

- Oi, Dan. – Amon me parecia uma pessoa bastante pacífica. Cabelo liso e meio ruivo, olhos

como o da mãe eu suponhoe pele branca com algumas sardas também.

- Como é que vai, Amon?

- Ótimo!

- Oi, Dan? Tudo bem com você? – Dessa vez era Cassandra. Ela tinha um cabelo castanho escuro e olhos negros, sua boca era bem vermelha como uma maçã, o que chegava a ser estranho. Talvez tenha puxado ao pai.

- Tudo e com você? – Meu jeito de se entrosar era ridículo, mas era o que me restava falar.

- Estou ótima.

- Oi Alice. – Alice era de uma beleza estonteante, tinha um cabelo de um loiro escuro até os ombros e olhos de um azul quase verde, algo que nem eu sei explicar.

- Oi, Dan. Contente com seus novos primos? – Ela me perguntou sorrindo.

- Claro que sim! Vou ficar aqui tempo suficiente para conhecer todos vocês. Prometo que não vou ser um primo irritante!

- Que nada! Com o tempo você perceberá que somos nós os irritantes...

- Oi, Dan. – Kennedy tinha um cabelo liso e grande que estava amarrado em um rabo de

cavalo que chegava até suas costas. Ele tinha uma pele branca e os olhos como o de Cassandra.

- Oi, Kennedy. Tudo bem?

- Tudo! Tenho certeza de que você vai adorar Seattle. Olha se quiser eu posso te levar no carro do papai e te mostrar a cidade. Ah, tem uma menina muito gata que eu conheço e que vai adorar você e...

-Está bem, Kenny, agora deixa o Damon respirar um pouco. –Sadie lhe lançou um olhar de reprovação.

- Este deve ser o... – Eu esqueci o nome do menino de cabelo liso e de aparência *dark*. Maldita hora que tentei adivinhar seu nome.

- Rony – Ele completou e estendeu sua mão para me cumprimentar.

- Isso, Rony.

- Seja bem vindo, Dan! – Ele, assim como Amon, me parecia ser uma pessoa pacífica apesar de sua aparência obscura de ser. Tinha um cabelo escuro - que devia ser pintado de preto – caído para o lado. Seus olhos eram escuros como os de Kennedy e em seu braço direito havia um bracelete preto com alguns rebites.

Um homem entrou na sala. Trajava uma camisa de botões listrada metida por baixo de uma calça

jeans. Ele também usava botas, sua figura se assemelhava a de um fazendeiro.

- E este aqui é o seu tio Philip, diga “oi” a seu sobrinho, Philip! – Sadie me apontou o homem que havia acabado de passar pela porta.

- Oi, Dan, tudo bem? – Ele apertou minha mão enquanto a outra segurava uma garrafa de óleo de motor. –Me desculpe por entrar assim, eu estava lá fora ajeitando umas encomendas, espero que goste daqui. Na verdade, eu tenho certeza de que vai gostar daqui. Somos muito acolhedores e os vizinhos também.

- É, a vizinha da esquina que deu um tiro no marido também me parecia bem acolhedora – brincou Amon.

- Muito engraçado, Amon! Não assuste o menino com suas histórias. Não ouça nada do que ele disser, Dan. –me aconselhou Phillip.

- Tenha certeza de que eu não vou assustá-lo. – respondeu Amon.

- Mas venha, quero lhe mostrar a casa. – Sadie se antecipou.

Sadie me levou até uma parte da casa que pelo jeito era a cozinha dos Walker.

- Esta aqui é a nossa cozinha.

- É aqui que ela prepara uma comida maravilhosa que só ela sabe fazer. – Phillip se inclinou e deu

um beijo rápido em Sadie e foi em direção à porta que dava para fora.

Meus primos fizeram cara de nojo com a cena que viram.

- Onde você está indo, querido?

- Oficina do Chad, vou ver se eles tem um motor novo para essa lata velha...

Então ela continuou o show room...

- Então... como eu estava dizendo, essa aqui é a nossa cozinha, se precisar de alguma coisa pode vir pegar aqui. Tem refrigerante no nosso frízer e tem bastante comida na geladeira para que não falte nada para você.

- É... daqui a umas duas semanas vai faltar tudo... – brincou Amon

- É pode crer... – agora era Kennedy.

Sadie lançou- lhes um olhar fuzilante.

-Está bem, já paramos! – Amon começou a assoviar enquanto ia para fora da cozinha com Kennedy.

-Uh, ela está brava! – comentou ambos.

Saímos da cozinha e fomos para o que parecia um banheiro. Era bem espaçoso e tinha um chuveiro elétrico. A cerâmica era branca com alguns desenhos azuis que lembravam peixes.

- Aqui é o nosso banheiro. Temos um aqui e um no andar de cima, fica a seu gosto. – Ela falou isso e sorriu no final.

- Ah sim, pode deixar. – eu respondi.

Enquanto Sadie me mostrava a parte de baixo de sua casa, eu ficava pensando em outras coisas e usava a expressão no rosto como forma de ela não perceber isso. Minha vida parecia aqueles filmes em que o personagem viajava para outro lugar porque o pai ou a mãe viajam a negócios e ele tinha que ser forçado a mudar seu estilo de vida. Mas eu não era forçado, ia por vontade própria, e aquilo infelizmente não era a negócios, era por uma separação. Quem me dera se fosse a negócios.

- Vamos aqui para cima. – Sadie subiu a escada e eu fui atrás junto com minha mãe. – Aqui fica o meu quarto e o de Phillip. Em cada porta tem um nome do seu ocupante. E este aqui é o de Kenny.

O quarto de Kennedy era até bem arrumado. O lençol estava arrumado e os livros e revistas estavam bem organizados. Dirigimo-nos ao quarto de Tia que era também organizada. Tinha uns desenhos na parede, mas não eram apenas rabiscos, eram lindos desenhos de garças e o que me parecia ser uma praia. Outros tinham desenhos do que pareciam ser deusas ou algo muito próximo disso. Parecia um paraíso particular.

- Esses desenhos... – Eu apontei para a parede -... é a Tia quem faz?

- Sim, ela é muito boa nisso. Sabe desenhar como ninguém, herdou isso da sua avó que é pintora.

O quarto de Cassandra era meio bagunçado e havia vários pôsteres aderidos à parede também.

- E aí, gostou do meu quarto? – Cassandra parou bem ao meu lado. – É bem diferente, não é?

- É, parece bem aconchegante... – brinquei apontando para o bonequinho de caveira em cima da mesinha de cabeceira.

- É, nada como a proximidade das coisas obscuras!

- Você é gótica? – indaguei usando um tom de voz que não parecesse grosso demais.

- Sou sim, a escuridão é meu melhor refúgio! – ela fez uma cara de misteriosa. –Talvez tenha influenciado Rony por causa disso. Ah, aquela ali é a minha guitarra! Sabe tocar algum instrumento? Porque senão podemos até montar uma banda...

- Eu fiz aula de violão uma vez. O que não me ajudou muito, daí desisti e resolvi aprender sozinho, o que foi um fracasso!

- Eu imagino como deve ter sido... Aprendi a tocar violão com o meu pai. Ele toca muito bem.

- Você poderia até me ensinar, quem sabe não é? – eu insinuei.

- É... vou pensar no caso... – ela riu. – Eu vou lá embaixo, está bem? Meu namorado Kayle deve está chegando!

- Claro! Afinal a casa é sua. – falei isso usando um tom de obviedade.

Se o quarto de Tia era o paraíso, o quarto de Amon era o inferno. As roupas estavam jogadas por cima da cama e outras estavam penduradas na janela. O papel de parede estava rasgado e rabiscado, como rabiscos de criança. Sadie tratou de só apontar o quarto de Amon e tentar me fazer passar direto, mas ainda assim eu pude ver o quarto dele.

O quarto de Alice era de uma cor que eu chamaria de lilás. Tinha um cheiro de perfume no ar, ou melhor, era um cheiro de incenso. A cama estava devidamente arrumada e tinha ursinhos de pelúcia em prateleiras e alguns em cima da cama. Os livros estavam empilhados um em cima do outro, mas de um modo arrumado. Na janela, tinha alguns adesivos aderidos ao vidro. Então aquele poderia ser o segundo paraíso.

O quarto de Rony era até arrumado. Também tinha pôsteres como o de Cassandra e também tinha uma guitarra encostada na parede junto a uma caixa de som pequena. Também tinha um microfone ligado ao plugue e...

- RONY, VEM DESLIGAR ESSE MICROFONE! – Eu tomei um susto com o grito de Sadie. Ela percebeu. – Ah, desculpe querido. Não quis assustar você. Olhe, aqui tem mais um banheiro. E aqui na frente é a nossa sacada. Pode vir aqui quantas vezes quiser. Pode ler aqui, pode escrever...

- Nossa, aqui é lindo mesmo. – Tinha uma floresta que eu havia notado na chegada. – Que floresta é aquela?

- Ah sim, nós a chamamos de Morada de Gnomos. – respondeu mamãe.

- Morada de Gnomos? Por quê? – indaguei.

- Muitos aqui afirmam ver coisas fora do comum naquela floresta. Rituais... – mamãe fitava a floresta como se visse além dela.

- Phillip acha que ela é usada para rituais satânicos. Eu tenho medo desse tipo de coisa, então nem procuro saber. Temos vizinhos que afirmam ter visto gnomos e feiticeiros andando por aquelas bandas. Eu não acredito muito nisso, mas fica o mistério...

- É, mistério... – murmurei enquanto fitava a floresta.

- As pessoas evitam ir até lá. – acrescentou mamãe - O seu avô James Hindley era quem gostava de passear por aquela floresta. Ele chegava a passar dias lá acampando. Mamãe

ficava chateada, mas ninguém podia impedi-lo de fazer o que ele queria. Era um homem muito determinado...

- É, eu me lembro de como ele era... – lembrou Sadie.

- Mãe, cadê o Dave? – indaguei.

- Ele teve que retornar ao trabalho. Essa semana está sendo muito corrida para ele.

- Tia Sadie?

- Sim, querido?

- Eu vou tomar banho e me trocar, está bem? – perguntei.

- Ah sim, você deve estar cansado, se quiser pode dormir depois. – sugeriu ela.

- Pode deixar.

- Ah isso ele sabe fazer muito bem! O seu roupão está dentro da mala ainda, querido. – falou mamãe.

-Ah, o seu quarto é aquele no final do corredor. Se quiser, pode colocar o seu nome na porta também. – sugeriu Sadie.

Depois de tirar todas as roupas que estavam na mala e organiza-las num armário velho, eu fui

tomar uma ducha. A água parecia iluminar os meus pensamentos. As coisas de repente se tornavam mais claras e eu conseguia pensar melhor. Todo aquele movimento de uma hora para outra me deixaram totalmente confuso, incapaz de me movimentar a outro lugar. Provavelmente eu sairia para conhecer os arredoresdo espaço em que estava morando no outro dia.

Havia uma janela do lado do chuveiro. Dava para ver o céu e ainda estava claro. Então não podia ser tão tarde assim. Algumas aves passaram voando pelo céu azulado, apesar do frio, o sol estava ali. Eu me acostumaria rapidinho com o frio. Estávamos no verão ainda. Os verãos do estado de Washington não eram tão quentes em relação a outros estados do norte do país, diferente dos invernos que, por sua vez, eram mais quentes do que qualquer outro estado do norte do país.

Eu me sentia confortável. Apesar de estar longe do meu pai, eu estava perto da minha mãe, ela sabia pensar melhor do que o meu pai no que se tratava de algumas atitudes. E eu sempre achei que eu era uma pedra no sapato do meu pai, sei lá, ficar naquela casa atrapalhando a vida dele era muito perturbador para mim assim como era para ele também. Eu passava a maior parte do tempo sozinho lá, quase não saía. Aqui eu tinha vários primos, mesmo que eu não os conhecesse, eu iria conhecê-los um a um mais tarde e...

Num piscar de olhos um ser branco com uma espécie de cauda passou no céu em um vulto misterioso. Eu tomei um susto e fiquei parado um tempo na frente da água que caía. Depois me apoiei na ponta dos pés para tentar avistar o que era. Mas já era tarde, já havia partido.

- Nossa, que estranho! – murmurei para mim mesmo.

O que será que eu havia visto? Não parecia ser uma ave, era largo demais para ser uma ave. Parecia ser mais um dragão... mas dragões não existem, é claro. Então poderia ser uma espécie de ave desconhecida que estava apenas migrando? Seja lá o que for era muito estranho. Fiquei um tempo parado até me recuperar do que tinha avistado no céu e depois retorneiao banho.

2. MORADA DE GNOMOS

QUANDO ACORDEI JÁ ERA NOITE.

A luz da lua entrava pela janela de vidro criando sombras que se estendiam pelo papel de parede florido do quarto de hóspedes. Eu estava com uma fome devastadora. Sentei-me na cama e fiquei um tempo pensando na nova vida que eu iria levar. Pensei em coisas que já haviam passado. Eu sorri enquanto me lembrava de uma de minhas memórias alegres com meu pai.

Pus-me de pé e apanhei umas roupas no armário, me dirigi ao banheiro e tomei banho, um banho rápido por causa da água fria do chuveiro do banheiro de cima que não era elétrico.

- Ah já acordou, dorminhoco? Pensei que só acordaria amanhã! – Mamãe se dirigiu a mim e beijou meu rosto.

- Mãe! – Eu olhei para ela como se dissesse “Isso não é hora nem momento para beijinhos no rosto”.

- Está bem, não quer beijinho, então eu não dou!

Meus primos riram da cena.

- Venha se juntar a mesa, Dan. Só falta você! Não o acordamos porque era melhor deixa-lo descansar então... – disse Sadie.

- Me desculpem, eu dormi muito. – me desculpei meio que tímido.

- Que nada, Cassie dorme mais do que você! – Tia brincou.

- Nossa, parecem deliciosos! – Eu apontei para o cozido de vegetais com carne em cima da mesa.

-Pega, Dan. –Amon jogou para mim um prato que eu quase deixei se espatifar no chão.

- Amon, não se joga assim, dê na mão! –brigou Sadie.

- Mãe, ele pegou não pegou? Então pronto.

- Eu quero ver é quando ele casar... –insinuou Tia.

- Pois é! Não quero que meus netos se habituem assim...

- Pode deixar que eles não vão... – ironizou Amon.

- Espero que não.

- E aí, Dan? Está gostando do novo clima? – Kennedy deu uma golada no refrigerante.

- Ah, sim, é ótimo.EmPhoenix o clima é muito quente. O sol brilha quase todos os dias, até porque Phoenix é a capital mais quente dos Estados Unidos.

-Então vai ser difícil você se acostumar... – comentou Cassandra.

- Talvez não, eu sempre tive essa vontade de morar em lugares frios como aqui. Andar de casacos e tudo mais. Eu vou me acostumar, mais rápido do que pensam.

- Espero que sim – Sadie me lançou um sorriso.

- Ah, Dan. Matricularei você num colégio aqui perto, onde seus primos também estudam. Eu comprei uma mochila e materiais que serão necessários, só estava esperando você chegar.

- Estou ansioso para conhecer meus mais novos colegas de classe.

- É, e eu estou louca para desconhecê-los! – reclamou Cassandra.

- Cassie, não reclame do que você tem. – advertiu Sadie.

- Deve ser tudo muito diferente aqui... – eu disse.

- Pode crer, as garotas de Washington são maluquinhas! – afirmou Kennedy.

-Phillip disse que lá é ótimo... – comentou mamãe.

- Ah sim, é muito bom, não temos nenhuma reprovação, com exceção de Amon.

- Ah, tinha que ser culpa do Amon... – brincou o próprio.

- Lá os professores são bem bacanas, não é Amon? – ironizou Kennedy.

- Pode crer.

- Temos a Boca Monstruosa, o Senhor Torneira... – ele contava nos dedos.

- Senhor Torneira? – indaguei curioso.

- É, ele deve pensar que os alunos são cuspideiras ambulantes. Passa a aula toda cuspindo, azar de quem senta na frente. Uma vez eu estava conversando com meu colega Carl e senti quando um cuspe caiu na minha boca. Foi nojento, cara! Quase vomitei a papa que dão como merenda no colégio...

- Kenny, estamos comendo! – reclamou Alice fazendo cara de nojo junto a todos os outros.

- Ah, foi mal! Mas fora isso, as pessoas são muito receptivas. Vai gostar muito de lá. Se quiser pode até participar do musical... – Kenny começou a representar o que seria eu no musical.

- Musical? Quê isso, não, eu acho melhor não! – eu disse. – Só canto no banheiro mesmo.

- Que nada, Dan. Eu prometo sentar na fileira da frente! - assegurou Tia.

Eu sorri. Passamos um tempo ali conversando, Cassandra me mostrou as fotos das bandas que ela ouvia e me enviou algumas para eu conhecer. Mamãe deu uma olhada no seu relógio de pulso e arregalou os olhos.

- Nossa, eu nem reparei no horário. Amanhã eu retorno ao trabalho. – Mamãe se levantou pondo seu copo em cima do prato e indo em direção a pia a alguns centímetros da mesa.

- É verdade, já está tarde. – Sadie foi recolhendo as coisas em cima da mesa junto a Phil, Tia e mamãe.

Eu dei uma última golada na Coca-Cola e me levantei para ajudar também. Sadie recusou a minha ajuda como gentileza. Se tiver alguma coisa que eu sei fazer muito bem é lavar louças. Já havia me acostumado a lavar as louças do meu pai já que quase ele não tinha tempo para fazê-lo.

Eu podia pensar em várias coisas enquanto as lavava. Chegava até a ser relaxante. Ao terminar o serviço eu subi ao andar de cima.

Eu e meus primos conversamos um pouco sobre a escola, Seattle e música. Depois que todos se recolheram eu entrei no meu quarto. Minha cama estava bagunçada. Tinha total certeza de que não conseguiria mais dormir. Chequei meus e-mails pelo notebook que meu pai havia me dado e depois peguei meu exemplar de O Morro dos Ventos Uivantes. Talvez a falta de sono me levasse à glória de conseguir me concentrar numa história. Eu não avancei muito, estava no capítulo dezesseis ainda, na parte em que Heathcliff diz que enquanto viver, Catherine não descansará em paz.

Depois que todos adormeceram, eu fiquei patetando na casa dos Walker. Desci até o andar de baixo e liguei a TV e ajustei-a no volume baixo para não acordar ninguém. Como estava sem sono, deu tempo de assisti a um programa de auditório que por sinal era muito engraçado. E a metade de um filme de terror, aqueles que começam bem envolventes no começo e no meio ficam totalmente sem graça. Desliguei a TV. Os filmes de terror não são mais os mesmos. Estão mais para um programa de comédia.

Eu ri ao lembrar uma cena do filme e parei quando percebi que parecia um idiota rindo sozinho na sala escura. A luz do luar enchia a sala

de luz agora, e projetava sombras assustadoras na parede. As sombras me assombravam desde pequeno. Eram como garras que estavam prestes a nos puxar para qualquer um dos lados. Às vezes eu até achava que elas tinham algum tipo de poder de atrair nossos piores pensamentos. Pensamento bobo!

Eu era incapaz de dormir sozinho até os quatorze anos, era vergonhoso para mim, mas era como uma condição. Agora eu já conseguia dormir sem me preocupar com isso. Aos 15 anos meti na minha cabeça que isso era só um fruto da minha imaginação e que eu não passaria o resto da minha vida procurando pessoas para dividir a cama.

- Nossa, que sede! - murmurei meio zonzo levantando do sofá. Nem havia percebido a secura que havia se formado em minha boca.

Dirigi-me a cozinha e bebi um pouco de água. Havia uma janela grande de vidro na cozinha por onde a luz do luar também entrava. Era um tanto perigosa no caso de ladrões, mas tinha uma vista linda do céu e da floresta ali perto da casa dos Walker. Era lindo como o luar atingia as árvores criando feixes que transpassavam por entre os galhos e as folhas. Era um espetáculo e tanto. Havia alguns vagalumes do lado de fora. Aquele lugar era fantástico mesmo. Só havia visto coisa assim nos filmes de ficção.

Eu abri a janela, mas antes verifiquei se o momento era favorável para tal ação. Sadie ou Phillip poderiam não gostar daquilo. Meu cabelo esvoaçou com a lufada de ar frio vinda de fora. Tinha uma espécie de pátio do lado de trás da casa do qual se tinha uma visão bem melhor da floresta. Pulei e quase caí, mas me apoiei na parede do lado de fora. Era realmente uma vista linda. Os vagalumes pareciam envolvidos em uma dançadesconhecida. Tinha alguns barulhos de sapo, mas nada que chegasse a incomodar. Na verdade, eu gostava do contato com a natureza. Sempre gostei. Sentia-me em paz. Livre até. Era uma sensação extremamente agradável.

Foi então que meus pensamentos me levaram até meu pai, agora ele estava completamente sóna casa dele no Arizona. Sim, eu achava que atrapalhava a vida dele diante de toda a vida corrida em que ele estava destinado a viver. Mas deixa-lo sozinho agora não parecia ter sidouma boa atitude minha. E se tentassem rouba-lo ou fizessem alguma coisa que o ferisse? Eu jamais suportaria ver meu pai morto e nem suportava essa ideia. Já que ele é policial, algum bandido poderia fazer algo de ruim com ele. Eu iria ligar para ele na manhã seguinte para ver se ele estava precisando de alguma coisa. De repente me senti péssimo. Senti saudades do meu pai. Nem havia passado um dia e eu já estava assim, imagina como estaria após um ano sem falar pessoalmente com ele.

Absorto em meus pensamentos, nem percebi o clima cair. As plantas no pátio começaram a desfolhar com a ventania que havia começado. As árvores na floresta começaram a se balançar de um lado para o outro como se estivessem desesperadas ou algo assim. Como se avisassem uma tempestade. Olhei para o céu.

- Vai cair uma tempestade daquelas! – comentei a mim mesmo.

Quando voltei minha atenção às árvores na floresta, percebi que havia mais alguma coisa por entre os feixes de luz. Esfreguei meus olhos para ver melhor. Que maluco estaria metido na floresta naquele frio e naquela escuridão assombrosa?

- Mas o que é...?

Meus olhos me mostravam uma figura humana. Parecia uma pessoa com alguma coisa luminosa na mão. A luz ia aumentando cada vez mais. Luz que mais se assemelhava a fogo, mas... de fato, era fogo. As árvores se agitavam à medida que a luz na floresta aumentava. As vestes da figura por entre as árvores se agitavam com o vento. As nuvens no céu começaram a ficar negras como eu nunca tinha visto e junto com a escuridão veio os relâmpagos. Os vagalumes agora estavam fugindo como em perigo. Era sobrenatural aquela noite ter se transformado em tempestade tão rapidamente. Perguntei-me se estava sendo testemunha de algum ritual satânico. Poderia até ser, me lembrei do que Sadie falara para mim de tarde, sobre

vizinhos ter sido testemunhas da aparição de gnomos e feiticeiros. Parecia-me um tanto esquisito. Talvez não fosse isso, certamente seria alguém com problemas de insônia que se divertia a noite fazendo magia na floresta. Uma ideia aceitável já que aquele tipo de coisa era comum em terras assim.

Olhei o horário no meu relógio de pulso que marcava uma hora e meia da madrugada. Foi quando ouvi um rangido no andar de cima. Apressei-me em pular para o lado de dentro da casa, tropeçando em alguma coisa no chão, pus-me de pé e fechei a janela com cuidado para não fazer ruídos.

- Com sede também? – Rony surgiu na cozinha.

- Ah é sim. Muita sede... – Eu fingi que dava uma última golada na água que não existia no copo.

Ele abriu a geladeira e bebeu água direto da garrafa.

-Ah, Rony? – indaguei.

- Sim?

- Você sabe me dizer o que é aquilo ali? – apontei em direção à floresta.

Ele se inclinou na janela para ver.

- O quê?

Eu me inclinei também e olhei para onde há poucos segundos eu havia visto a figura com chamas na mão. Não estava mais lá.

- Ah, é que pensei ter visto alguém vagando por ali. – eu disse apertando meus olhos mais uma vez a fim de avistar algo.

- Hum... estranho! – disse ele.

- É, muito estranho... – falei isso fitando as árvores agitadas lá fora.

- A única coisa que vejo é que vai cair uma tempestade daquelas! – afirmou ele.

- Pode crer! – confirmei.

Voltei a olhar para a floresta de novo onde há pouco estava a tal figura e depois retornei para meu quarto enquanto os primeiros pingos de chuva molhavam o vidro da janela.

3. O ESTRANHO MUNDO ALÉM DA CLAREIRA

NA MANHÃ SEGUINTE ACORDEI MEIO TONTO.

O sol incidia direto em meu quarto, o que provavelmente havia me acordado. Levei um tempo até decidir levantar. Olhei pela janela e vi Phillip carregando alguma coisa para a pequena oficina ao lado da casa. Apanhei algumas roupas

no armário velho e me dirigi ao banheiro do andar de cima.

O dia estava quente, a água não era tão fria agora. O sol parece que resolveu dar as caras nessa minha nova cidade. Quando desci, vi Sadie e mamãe conversando.

- Bom dia, Dan. – Sadie sorriu para mim.

- Bom dia!– respondi.

- Bom dia, querido! – Dessa vez era mamãe carregando uma caixa cujo conteúdo me parecia ser livros velhos.

- Bom dia, mãe. – respondi a ela de volta.

A casa parecia vazia sem os meus novos primos andando por ali. Os Walker pareciam estar naqueles dias em que você começa a arrumar tudo em sua casa. Havia um amontoado de livros velhos e papéis rasgados e amassados no canto da sala. Sem querer tropecei no que parecia ser um abajur quebrado com desenhos chineses ao redor da lâmpada.

- Estão em um dia de limpeza? – indaguei o óbvio.

- Era para termos terminado com isso antes da sua chegada, só que tive um compromisso e seus primos me enrolaramno serviço, então aqui estou eu.

- Onde está o batalhão dos Walker? – me referi aos meus primos.

- Alice acabou de sair com Tia para visitar uma colega delas que está muito doente. Cassie deve está tomando banho aqui no andar de baixo. Rony e Kenny foram até a casa do colega deles, oCarl, parece que vai ter um ensaio da banda que estão montando... Amon está lá fora com Phil consertando alguma coisa do carro.

- Uma banda? – perguntei.

- É, Rony sempre teve essa vontade de fazer sucesso ao redor do mundo em poder de uma guitarra assim como Cassie, não herdou a quietude da mãe.

- E como se chama a banda?

- Never Last Dreams. – pronunciou Sadie - Pelo menos esse é o nome até agora, eles vivem mudando, o último era extremamente estranho, ele disse que soava bem, mas não tinha um significado profundo nisso.

Nada mal para uma banda de rock. Apesar de dar baixo-estima aos fãs, soava bem. Eu sempre tive vontade de cantar ou tocar numa banda, cantar para um mar de pessoas. Mas o destino não foi favorável para mim em relação a isso. Não achei pessoas que pensasse igual a mim e mesmo que eu não sou nenhum Bono Vox para começar assim logo de cara. Eu precisaria de muitas aulas de canto com certeza. Então é isso... os sonhos nunca duram.

- Quer ajuda? – perguntei a Sadie enquanto ela tentava puxar uma caixa cheia de livros e revistas.

- Ah sim, Dan. – Ela puxava a caixa com dificuldade.

- BOB! – A voz de Amon soou pela porta da frente. Eu me virei e avistei um labrador vindo em minha direção. –Fique quieto, deixa ele sentir seu cheiro...

O labrador cheirou minhas pernas e depois se dirigiu ao meu traseiro espirrando logo depois. E eu fiquei ali, parado, esperando ele me conhecer. Era estranho como ele não havia latido.

- Ele não late? – perguntei a Amon.

- Bob tem um problema nas cordas vocais, papai achou que ele seria inútil para nós e queria dar ele para outro alguém. Mas nós não deixamos, não é garoto? – ele passou a mão na cabeça de Bob acariciando-o, ele abanou o rabo com mais velocidade.

- Mas não há como resolver esse problema? – indaguei.

- Na verdade nós ainda não procuramos saber se há essa possibilidade. Mas se houver eu dou toda a minha grana por esse cara aqui.

- E pensar que ainda há pessoas idiotas que cortam as cordas vocais deles... – eu murmurei.

- É um ato covarde e egoísta! – ele falou de um jeito meio combativo.

Havia duas coisas que eu detestava com todas as minhas forças: o ato de maltratar a natureza e o ato de maltratar os animais. De certa forma, era até a mesma coisa. Como podia alguém ter uma mente tão doentia capaz de atormentar seres tão inofensivos como estas? O que se passava na cabeça desse tipo de pessoas? Era algo que eu não conseguia entender.

- Onde é que ele estava? Eu não o vi desde que cheguei. – perguntei.

- Bob fica na oficina aqui do lado de casa. Ele está doido para passear, não é garoto? Vai lá, o tio Damon quer conhecer você.

Bob voltou até mim.

- E aí, garoto? Como você vai? Quer ver as fotos da minha cachorrinha Eve, tenho aqui no meu celular. Tive que deixa-la em Phoenix com meu pai Marco...

Bob abanou o rabo com rapidez de novo.

- Você gostou dela, não foi? Quem sabe um dia vocês não se casem. – supus.

- Droga! – mamãe berrou da cozinha.

Corri até a cozinha para ver o que havia acontecido.

- Mãe, o quehouve?

- Cortei minha mão com a faca...

- Deixa que eu cuido disso para você! – Sadie pegou alguma coisa na caixa de emergências. – Droga, estamos sem *band- aids*!

O sangue escorria do dedo de mamãe. Eu a avisei que se ela ficasse apertando do jeito que estava, o sangue não estancaria tão cedo.

- Amon – Sadie se aproximou de nós. – Vá com Damon até a drogaria do outro quarteirão e comprem um pacote de *band-aids*.

- Está falando da drogaria do senhor Lavigne ou a do Kutcher?

- Não importa, quanto mais rápido esses *band-aids* chegarem aqui, melhor! – ela passava alguma coisa em cima do corte no dedo de mamãe que ela limpara com algodão.

A caminhada até a drogaria não pareceu tão longa. Amon me contou de como era a nova escola e de como o pessoal de lá era receptivo, o que ele já havia contado para mim. Contou também sobre o "roubo" que aconteceu em sua casa sendo que não levaram nada. E eu respondi com um "Que estranho!". A drogaria do seu Lavigne estava fechada com uma placa que dizia "Fechado para almoço – Só abrimos às duas e meia da tarde", então tivemos que nos dirigir até a drogaria do Kutcher.

Amon entregou o pacote de *band-aids* ao vendedor, um senhor com aparência de setenta que usava um bigode branco que chegava a ser engraçado. Kutcher perguntou sobre como ia a família e Amon aproveitou para dizer que eu era um primo recém-chegadoà cidade. Eu o cumprimentei.

Então foi ali, naquela drogaria em que eu o vi pela primeira vez. Um cara um tanto estranho, trajava roupas negras e tinha a pele branca como mármore. Seus olhos eram negros e a cor de seu cabelo também. Por um segundo eu senti medo daquela figura, observei ele, mas logo me virei depois que ele começou a me encarar. Não queria incomodar o novo e um tanto estranho vizinho.

- Bom dia, senhor Kutcher. – sua voz era dura e de alguma forma chegava a ser ameaçadora.

O homem se aproximou de mim e isto me fez estremecer. Sua presença não era das melhores.

- Senhor Dan, soube que chegou a pouco tempo de viagem. Espero que goste de nossa... vizinhança. – ele me encarou enquanto demorava a pronunciar a sua última palavra.

- Ah sim, eu vou gostar muito daqui. – aqueles olhos eram meio que perturbadores. Eu não queria olhar, mas algo me forçava a encarar aquele rosto pálido a minha frente, era torturante e também hipnotizante.

- Oi, senhor Mefiz-Tofel. Vamos, Dan! – Amon me alertou com o olhar.

O homem vestido de preto me observou sair e depois começou a dialogar com o senhor Kutcher. Não sei se tornou a me observar.

- Quem é esse cara? – perguntei com cara de sobressaltado. – Ele ficou me encarando de um jeito esquisito. Fiquei até com medo.

- É Digory Mefiz-Tofel, ou senhor Mefiz-Tofel como chamam por aqui. Eu sei, ele é muito estranho e obscuro. Procuro não falar com ele ou esbarrar com ele. Acho que ele tem alguma coisa a ver com algumas mortes que tem acontecido recentemente aqui em Seattle, não quero culpa-lo de uma vez assim e não quero te assustar muito, mas é o que eu acho. Ele sempre nos encara, como se soubesse algo sobre nós. É aterrorizante o modo como ele nos olha. Dizem por aí que ele costuma fazer bruxarias em sua casa. Eu até acredito por causa desse comportamento sombrio que ele tem.

- Cara estranho... – disse isso olhando para trás, nem havia percebido que ainda estremecia.

Mais tarde, quando Dave veio visitar minha mãe e quando o sol incidia mais forte, meus primos retornaram e Amon disse que havia uma clareira que ficava a alguns metros longe de sua casa. Eu aceitei, precisava conhecer os arredores da casa. Alice não quis vir conosco, mas depois acabou

aceitando. O caminho não era tão longo, já que podia se ver a Morada de Gnomos da casa dos Walker. Havia muita folha por ali. Amon levou Bob conosco, ele abanava o rabo manifestando entusiasmo.

- Tem muita folha aqui! – resmungou Alice.

- Que nada, isso é ótimo, nada comoum pouco de natureza... Devíamos vir aqui todos os dias– Kennedy parecia relaxado.

- Não mesmo... – retrucou Alice.

Continuamos o caminho enquanto ouvíamos o farfalhar das folhas secas caídas no chão. A brisa arrastava as folhas e balançava nossos cabelos à medida que íamos avançando. Alguns pássaros passavam por ali e voavam fazendo barulho com suas asas. Era um dia ótimo para uma caminhada. O sol incidia nas árvores criando feixes de luz incríveis naquele lugar. A calmaria só era quebrada pela conversa dos meus primos.

- Olha por onde anda, Amon! – reclamou Alice.

- Foi mal, tropecei em uma raiz...

- Chegamos! – Tia apontou para o campo a nossa frente.

Era um lugar e tanto. O sol iluminavamuito bem aquele lugar. Alguns esquilos viram a nossa aproximação e fugiram num piscar de olhos abandonando o que parecia ser uma noz

mordiscada. Havia muita raiz ali também, onde qualquer um tropeçava facilmente, incluindo eu. Algumas raízes lembravam garras. Uma brisa leve levantou os nossos cabelos novamente, o vento naquelaclareira era constante.

- O que você viu mesmo ontem, Dan?

Eu nem me lembrava mais de que havia visto alguém vagando pela floresta na noite passada. Provavelmente seria o que havia pensado: algum tipo de rito ou coisa assim. Nada que eu tivesse que me importar.

- Eu não sei bem, sumiu logo em seguida.

- Viu algo ontem aqui, Dan? – Tia perguntou a mim.

- Sim, devia ser só algum vizinho. Quando era mais novo eu tinha insônia, então ficava passeando por aí, provavelmente seria isso, algum vizinho com insônia que gosta de explorar essa floresta.

- É meio impossível, mas quem sabe... – Tia deu de ombros. – Mamãe já deve ter te contado das aparições que alguns vizinhos dizem ter visto aqui. Eles chamam essa floresta aqui de...

- Morada de Gnomos, é, ela já me contou sim.

- Eu não acredito em nada disso. – ela me disse.

- Aqui é tão ventilado e relaxante, acho que vou vir para cá para estudar! – pensou Cassie.

- É verdade, podíamos fazer isso mesmo. – concordou Amon entusiasmado.

- Nem inventem, eu não estou a fim de ficar no meio do mato todo dia... – resmungou Alice.

- Ai, o quê que tem? Dá até para pensar melhor aqui. Poderíamos construir alguma mesa de estudos ou uma espécie de casebre no caso de chuva e...

- Olhem ali, estão vendo aquelas coisas ali no chão? Ali próximo à árvore do outro lado? Aquilo é bruxaria. Aqui é extremamente perigoso. Não devíamos nem estar aqui.

- Só estamos mostrando ao Damon um pouco do espaço que ele vai viver, só isso Alice.

- Não dá para mostrar algum espaço que esteja dentro da civilização? – revidou ela.

- Está bem gente, Alice pare de resmungar tanto. Na maioria das vezes esses feiticeiros,ciganos ou sei lá como eles se chamam, só se revoltam contra alguém quando este faz alguma coisa de ruim para eles. Em outras palavras, não esquenta. Aqui é calmo e nem estamos tão longe de casa assim e nem vamos tão longe. E vocês estão comigo...

- É o mesmo que está sem ninguém. – murmurou Alice enquanto tentava desviar de algumas raízes.

- Olha só esse lugar! –Kenny elogiou olhando para o topo das árvores. – Fica melhor quando há sol.

Eu andei até o outro lado da clareira. Era quase impossível ver o que havia por trás daquelas árvores. Respirei tranquilamente o ar purificante. Dava para ouvir um barulho de água ou coisa assim que parecia estar ali perto.

- Estão ouvindo? – indaguei aos Walker quando se aproximaram de mim.

- O quê? – indagou Amon.

- O som de água. Parece o barulho de um riacho.

- E tem um riacho... tem também uma trilha por aí, deve está cheia de plantas silvestres já que ninguém mais se importa com este lugar. Podíamos averiguar um pouco.

- Não, Amon. Você disse que não iríamos tão longe! – lembrou Alice.

- Só vamos checar, não esquenta...

- Está bem, mas eu estou voltando para casa! – disse-nos ela.

- Então vá... - respondeu ele.

Seguimos Amon, Alice foi até certo ponto mais não sabia por onde passar para retornar até a casa, então ela voltou até nós.

- Por ondenós viemos mesmo? – ela perguntou.

- Você não consegue dar um passo sem se perder, não é Alice? – brincou Amon.

- Venha com um GPS da próxima vez. –Kenny deu de ombros.

- Cala a boca – ela respondeu – como se servisse para alguma coisa aqui onde estamos.

- É só você se guiar pela nossa casa, dá para ver dali da clareira. – Amon apontou pra onde há pouco estivemos.

- Eu sei, mas tem muito árvore e eu vou acabar me perdendo. E não estou nem um pouco afim de passar a noite aqui no frio da floresta. E mesmo que há rituais aqui, tenho medo disso. Já assistiram A Bruxa de Blair?

- Alice, Bruxa de Blair nem real é. Os atores ainda estão vivos. É só um filme que tentaram fazer parecer real. – Kenny falou com um tom de obviedade.

- Quem disse isso? – ela questionou.

- O Carl.

- Mas e daí? E quem é o Carl para afirmar uma coisa dessas? Tomar precauções é sempre a melhor atitude. – ela se juntou a Tia e a Cassie.

- Está bem, mas depois tomamos alguma atitude... – ele a ignorou.

Tia e Cassandra riam de Alice enquanto a mesma entortava a boca e cruzava os braços.

- Parece estranho como esses carvalhos crescem, não é? – Amon apontou para o carvalho a nossa frente.

- Porque é estranho?

- O clima de Seattle não é tão favorável para esses carvalhos estarem tão vistosos assim.

- Mas estamos no verão, Amon. – lembrou Tia.

- Eu sei, mas de algum modo, é meio estranho... – respondeu ele.

- Não vejo nada de mais... -comentou Cassie. - Só vejo árvores...

Continuamos a caminhada. Havia uma trilha que serpenteava, a terra estava batida. Havia algumas pegadas que não eram as nossas porque ninguém estava de botas ali. Depois de um tempo todosnós ficamos em silêncio, só o que ouvíamos era o farfalhar das árvores ao redor, até Alice quebrar o silêncio.

- Para onde estamos indo realmente?

- Só queremos ver até onde essa trilha vai dar, não deve dar muito longe...

- Eu estou começando a ficar com medo, já prestaram atenção nesses galhos?

-Não me diga que você tem medo de galhos, Alice? – foi o que Kenny quis para bagunçar com ela.

- Eu acho melhor nós voltarmos mesmo, Amon. – enfim, Rony havia falado alguma coisa.

- Calma gente, somos sete, ninguém terá coragem de fazer algo de ruim com sete pessoas! – disse Amon. - Somos a maioria aqui.

- É eu espero que sim. – murmurou Alice.

- Parece que tem alguma coisa ali na frente. – eu apontei em direção a onde vinha o barulho de água.

- É verdade. – Amon avançou junto a Bob que balançava o rabo freneticamente.

Havia alguma coisa lá realmente. Era uma espécie de ponte feita de madeira que servia de passagem ao pequeno riacho ali naquele lugar. A água era clara e dava para ver o que havia no fundo. O riacho corria lentamente.

- Um riacho? – indagou Rony.

- Papai já havia me falado de um riacho aqui. – lembrou Amon, se abaixando a beira do riacho. – Mas eu nunca tive coragem de vir aqui sozinho.

- É, então você nos arrasta até aqui e fica tomando nosso tempo! – reclamou Alice.

- Vamos voltar! – disse Tia.

- Vamos. – dessa vez Amon havia concordado.

- Ah finalmente! – exclamou Alice.

Dei meia volta para retornarmos a clareira. Mas antes que todos nós retornássemos, algo mais aconteceu.

- Bob? – Amon olhava em direção às árvores a frente que balançavam com o vento.

- O que foi, Amon? – perguntou Kenny.

- Bob está sentindo alguma coisa! – alarmou Amon. – É melhor irmos logo. Vamos, Bob!

Mas o cachorro parecia estar grudado ao chão. Parecia querer nos proteger de alguma coisa que estava ali por perto. Seu rabo agora balançava muito mais rápido, num ritmo frenético, enquanto ele continuava a fitar as árvores à frente.

- Vamos, garoto! – Amon o pressionava. – BOB!

Num piscar de olhos, Bob avançou correndo em direção a algo que nós ainda não havíamos visto. Amon correu atrás dele.

- Amon, não! Bob! Voltem! É perigoso! – Tia avançou ao encalço de Amon.

- Venham aqui me ajudar a pegar ele! – gritou Amon. – Rápido!

De repente, todos atravessaram a ponte e corriam em direção ao cachorro enlouquecido. Aqui e ali um raio de sol penetrava por entre os galhos e iluminava os nossos rostos. Era até engraçado ver todos correndo atrás do cão frenético. Passamos por uma árvore caída coberta

de musgo. Alguns pássaros que estavam por ali se assustaram com tamanha correria e voaram em direção ao topo das árvores.

- Bob, volta aqui! – Kenny gritou.

Em meio a toda correria, nem havia notado que estávamos continuando a trilha. O barulho do riacho ficava distante a cada segundo e a cada passo, e as árvores já começavam a crescer juntando-se umas ás outras, fazendo desaparecer a trilha que existia ali. Os galhos já se emaranhavam tornando mais difícil de ver o adiante. Havia alguma coisa mais a frente onde a trilha terminava e onde Bob decidiu parar.

- Droga de cachorro idiota, ensina ele a parar com isso ou ele sai de casa essa semana! – berrou Alice.

- Cale a boca, Alice. Bob não fez por mal, ele só ficou nervoso com alguma... – Amon parou de falar à medida que seus olhos iam percorrendo o lugar em que havíamos parado.

- O que é isso? – indagou Rony.

- Parece uma construção antiga. – disse Tia contemplando o prédio que se estendia ali.

O que havíamos acabado de encontrar no final da trilha era de primeira vista algo fora do comum. Era uma espécie de prédio escondido pelas árvores, tinha uma cor escarlate já desgastada pelo tempo. Alguns pássaros voavam por ali e